

PISANDO EM OVOS

José Benjamim de Lima

**“No entretanto, o ovo, e apesar
Da pura forma concluída,
Não se situa no final:
Está no ponto de partida.”**

(João Cabral de Melo Neto, *O Ovo de Galinha*)

O ovo, considerado por especialistas alimento biologicamente quase completo, goza de notável e merecido prestígio no mundo literário. Já mereceu magníficas crônicas de Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo, Murilo Mendes e tantos outros que desconheço. João Cabral de Melo Neto e Adélia Prado dedicaram-lhe belos poemas. E Clarice Lispector escreveu um conto antológico, “O ovo e a galinha”, isomorficamente hermético como o próprio: “Ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravessasse os tempos a galinha existe”. Copiou?

É tão sacralmente misterioso o ser do ovo, tão merecedor das mais profundas indagações metafísicas, que chega a espantar não terem ainda os filósofos de plantão se debruçado sobre o fenômeno para brindar-nos, a nós pobres mortais, com algum tratado filosófico de título sugestivo, “Ovo e Tempo” ou “O Ovo e o Nada”, capaz de dar conta de sua tão indecifrável quanto admirável essência ontológica.

Deixemos de lado, entretanto e por ora, ou talvez para sempre, as aventuras literárias e as dicotomias filosóficas sugeridas pelo ovismo; passemos a nos ocupar de temas mais pés-no-chão. O ovo já foi o vilão do colesterol e, enquanto tal, duramente demonizado pelo politicamente correto; mas atualmente está em fase de franca reabilitação pela gastronomia sanitária, renascimento que não há de causar qualquer surpresa, nada mais sendo senão produto do eterno movimento pendular ora vai ora vem de tudo o que existe neste mundão de Deus. Restituído nos seus direitos e prerrogativas (não se sabe até quando), foi liberado quase geral para o consumo, sob condição apenas de uso de tornozeleira eletrônica, a nova moda punitiva, e proibição de aparição excessiva nas redes sociais, medida cautelar, como se sabe, de duvidosa eficácia prática, com tendência a ser solenemente descumprida.

Não bastassem os equívocos nutricionais de que foi objeto no passado, condenando-o ao ostracismo culinário, o ovo passou recentemente por novo abalo e constrangimento, desta vez de natureza econômica, e quase perdeu o

troféu de comida preferencial dos pobres. Uma inesperada gripe aviária reduziu sua produção mundial e acarretou elevação significativa do seu valor de mercado. Pela contribuição ao agravamento da atual carestia, acabou tornando-se, meses atrás, personagem intensamente viralizado nas redes sociais, nas manchetes dos jornais e até mesmo nos discursos políticos; espécie de vilão e bode expiatório da inflação que há algum tempo vem tomando conta dos alimentos no Brasil. Até mesmo nosso Mandatário Primeiro reclamou do preço abusivo do produto. E os jornais, especialmente os da oposição, aproveitaram para tirar suas casquinhas, às vezes com uma pitadinha de humor. No jornal *A Gazeta do Povo*, o cronista Paulo Briguet comentou: “No governo Lula, o ovo está chocando o Brasil”.

Mas deixemos para lá as atribulações político-econômicas do ovo, decorrentes de eventos naturais que bagunçam a lei da oferta e da procura e a cabeça dos governantes e seus opositores. Uma boa crônica que se disponha a falar deste ser misterioso, completo, controvertido, hermeticamente encerrado em si mesmo, não pode ficar apenas em suas repercussões sanitárias ou econômicas; deve ambicionar mais. E o mais, se não erro, é renunciar ao mundo fútil das aparências e ingressar no campo minado, mas incontornável das essências. E jamais se chegará à essência do ovo sem resolver primeiramente o enigma que o cerca *ab ovo* ou *ab initio*, a escolher, entre o metafórico e o literal, embora já estejamos (*mea culpa, mea maxima culpa*) bem no meio dela, a crônica...

Por falar em *ab ovo*, lembremos, em pequeno desvio de rota, que os romanos antigos, cujo metódico pragmatismo, ao contrário do poeta T.S. Eliot, não lhes permitia confundir começo e fim, inclusive nas refeições, costumavam dizer *ab ovo usque mala* (do ovo à maçã). Na origem, o brocardo se referia a um costume de começar uma refeição com ovos e terminá-la com uma fruta, frequentemente a maçã. A expressão também era usada no Direito para indicar a importância e necessidade de examinar um caso legal de modo abrangente e detalhado, que leve em conta todas as suas particularidades, até chegar à cereja do bolo, digo, à maçã, ou seja, a uma decisão terminativa que fosse expressão do Direito e da Justiça. Ignoremos, entretanto, o potencial jurídico-metafórico do ovo, tão prestigiado pelo Direito clássico, uma vez que, nos velozes tempos atuais de direito alternativo e de ativismo judicial, os operadores do Direito tendem a desprezá-lo solenemente e ir direto à maçã.

Com mil desculpas pelo *excursus* xereta do parágrafo anterior, produto da irresistível vontade desviante da falsa erudição que costumeiramente

acomete os fracos mortais do mundo jurídico, voltemos, agora para valer, ao início dos inícios propriamente dito, ou seja, à antiga, desafiante e tormentosa questão que sempre assombrou (ou divertiu) a humanidade: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?

Questão de *lana caprina*, diriam alguns; tão árida, inóspita e impossível de solucionar quanto a quadratura do círculo ou a hipótese de Riemann ou a conjectura Hodje. Nessa matéria, o que não falta é polêmica, pois existem aqueles que sustentam peremptoriamente ter vindo primeiro o ovo e só depois a galinha. Outros, com igual ênfase e inteligência argumentativa, sustentam com galhardia exatamente o contrário.

A tentação estética imediata (se é que existe isso de tentação estética) é conceder ao ovo a primazia do início, já que se trata de objeto de perfeição indiscutível; tão perfeito que já nasceu deitado em berço esplêndido e não há quem o coloque em pé, salvo se utilizar o estratagema golpe-baixo de Colombo (o que desnaturaliza sua fascinante inteireza). Quanto à galinha (que me perdoem os seus fãos) não é lá exemplo que se aceite de perfeição e beleza, o que, desde logo, a desqualifica para o argumento estético.

Avisando que no plano especificamente religioso não me meto, por se tratar de seara deveras delicada e melindrosa, observo que em sede mitológica parece também que o ovo ganha de lavada. Leio no Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant: “o nascimento do mundo a partir de um ovo é uma ideia comum a celtas, gregos, egípcios, fenícios, cananeus, tibetanos, hindus, vietnamitas, chineses, japoneses, às populações da Sibéria e da Indonésia e a muitas outras ainda”. Querem mais? Acho que não precisa. O ovo não está apenas na origem da humilde galinha. O ovo está na origem do mundo!

O que parece a tantos claro como clara de ovo, desponta, entretanto, breu escuro a outros tantos, como sói acontecer no mundo humano. - Não é verdade! Primeiro veio a galinha! Como ovo haver sem ave-mãe? – grita, ato contínuo, o coro dos contrários.

Os partidários da teoria da ave original invocam ruidosamente as mais recentes descobertas da ciência sobre tema tão relevante, fortes em indicar que a tese da primogenitura do ovo não mais se sustenta. Estudo publicado na revista científica *Nature* revela que os primeiros ancestrais de répteis e de aves teriam gerado filhotes vivos e não crias chocadas a partir de ovos. Outro estudo concluiu que a formação da casca do ovo da galinha depende de uma proteína só encontrada nos ovários da ave. Tais sabenças seriam a

comprovação, acima de qualquer suspeita ou dúvida razoável, de que o ovo jamais existiu antes da galinha.

Embora não seja, nem de perto, nem de longe, terraplanista, devo confessar que as recentes teses científicas que pretendem ter confirmado a precedência da galinha, ainda não me convenceram plenamente. Não me perguntem a razão; intuição não se explica. Simplesmente existe. Prenhez ancestral das galinhas? Pintinhos nascendo de parto? Proteína de casca derivada de proteína de ovários (não poderia ser o contrário, proteína de ovários derivada de proteína da casca?)... Tudo o seu tanto nebuloso e esdrúxulo, não acham? Ademais, o semiceticismo militante que professo, aliado à inescapável lei do pêndulo referida no início desta crônica, traz-me a convicção de que logo, logo outra teoria virá, igualmente científica, restabelecendo as glórias do ovo...

Então, como ficamos? O ovo ou a galinha? Embora a hipótese científica, em minha humilde opinião, não se preste, ainda, a conclusões definitivas sobre a precedência da galinha, é imperativo dar uma solução que encerre a polêmica e a crônica. O cronista, infelizmente, está na mesma posição do juiz de uma causa, sendo-lhe vedado o *non liquet*: “O juiz não se exime de decidir sob a alegação de lacuna ou obscuridade do ordenamento jurídico” (art. 140, *caput*, do Código de Processo Civil).

Premido pela imperatividade do *non liquet*, esta espada de Dâmocles que impuseram sobre a cabeça dos juízes e, por livre extensão interpretativa, sobre a dos cronistas, ocorre-me uma solução criativa (mais ou menos como os juízes fazem, atualmente, em tempos de ativismo judicial), capaz de resolver *provisoriamente* (até quando, lei do pêndulo?), a pendenga.

Como se sabe, vivemos na era das ações afirmativas que buscam proteger as minorias. Ora, dando como certo e incontestável que há muito mais ovos do que galinhas no mundo, conclui-se que as galinhas trafegam pelo campo minoritário. E o cronista, em que pese sua admiração inegociável e incondicional, ontológica e gastronômica, pelo ovo, filia-se, com orgulho e conveniência (dada sua ampla majoritriedade nos tempos atuais), à corrente que defende ardorosamente o viés contramajoritário de todas as interpretações constitucionais presentes, passadas e futuras. Portanto, nada mais justo que, em homenagem à atual moda identitarista das ações afirmativas, prestigiemos a galinha, reconhecendo-lhe, por crônica transitada em julgado, com valor de sentença declarativa de amplos efeitos *erga omnes*, o honroso estatuto de ter vindo ao mundo antes do ovo. Vistos etc., a galinha ganhou. Viva a galinha!

E a humanidade, o que ganha com isto? – perguntarão os eternos céticos estraga-prazeres (não é o meu caso, semicético que sou). Bem, isso fica por conta do freguês. É problema de gosto, foro íntimo e consciência. É direito inalienável de cada um, podendo, a opção de abrir mão de uma suculenta omelete e preferir degustar uma galinhada igualmente saborosa. Melhor mesmo será ficar com as duas. O que importa saber quem veio primeiro? O que é vir primeiro, neste mundo tão pouco linear em que vivemos? “Em meu princípio está meu fim”, “em meu fim está meu princípio” diz o poeta T. S. Eliot. O mundo é uma roda, ou, talvez, uma elipse (como o ovo), ou, ainda, quem sabe, um coro simultâneo dos contrários...

Verdade seja dita: nem as mitologias, nem as religiões, nem a ciência souberam até agora apontar com certeza definitiva quem veio primeiro. Diante disso, só nos resta, embasbacados, admirar a potência de vida, misteriosa, silenciosa, quase mística, deste ser ao mesmo tempo tão banalmente singelo e tão incrivelmente perfeito que é o ovo. Aleluia!

Por aqui ficamos. Continuar o assunto já tão artificialmente desdobrado será, certamente, pisar... nos ovos des ilustrXs leitorXs. (limajb48@gmail.com)